

## **De lá e de cá – O real e o irreal em “A Terceira Margem do Rio”**

Carolina de Oliveira Barreto

**RESUMO:** Este trabalho pretende estabelecer uma análise do conto “A Terceira Margem do Rio”, de Guimarães Rosa, baseando-se, principalmente, no trânsito entre as categorias do real e do irreal, o qual se dá ao longo do discurso do narrador. Além disso, tenciona-se apontar como essa proposta se estende à concepção do tempo, do espaço e das personagens. Também se busca relacionar o discurso que perpassa a narrativa com o fluir do rio, priorizando-se o aspecto essencialmente simbólico da linguagem.

Palavras-Chave: “A Terceira Margem do Rio”; Narrador; Real; Irreal; Simbólico.

No conto “A Terceira Margem do Rio”, publicado no livro *Primeiras Estórias* (1962), de Guimarães Rosa, o transitar num mundo fragmentado, expresso por uma linguagem relativa, gera tensões entre as categorias do real e do irreal. Daí para preencher as lacunas que se constroem no panorama que o cerca, o narrador imerso em seu tempo busca criar para si uma perspectiva da realidade, legitimando-a por meio de seu discurso. Este contém elementos criados a partir de seu ponto de vista, mesclados a elementos da realidade tangível e imediata. Além disso, o fluxo do discurso aproxima-se do fluxo do rio, no que tange às transformações pelas quais o narrador passa ao longo da vida e as transformações que seu discurso apresenta ao relacionar simbolicamente vida e linguagem durante o processo de construção de sentido do mundo para si, que ele tenta transmitir para o ouvinte da “estória” de modo verossímil.

A narrativa, por ser construída como um relato em primeira pessoa que busca contar um fato ocorrido no passado, cujo reverberar permanece presente no narrador,

---

Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, orientada pelo Prof. Dr. Gilvan Procópio Riberio

parece basear-se, fundamentalmente, na recuperação de imagens que derivam de flashes da memória do narrador. Este, por meio do recordar, torna presente para o ouvinte fatos marcantes de sua infância, que carregam em si muitas das impressões de vida do menino que os presenciou, mas que passaram a pulsar mais forte com o decorrer do tempo, devido ao sentimento de culpa, que será abordado com mais detalhes posteriormente neste trabalho. O acontecimento principal consiste na decisão do pai do narrador de entrar numa pequena canoa, construída “para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos” (ROSA, 2001 p. 79), e passar a vagar nas águas do rio próximo à casa em que moravam. Assim, o pai não retorna mais para casa, abandonando a família, constituída pela mãe, pelo narrador e seus irmãos. Os demais fatos circulariam em torno deste fato maior, agregando a ele maior verossimilhança, pois isso o aproxima de um relato verídico.

A possível tensão entre o real e o irreal torna-se, também, perceptível na abordagem do tempo e do espaço, pelo discurso do narrador. É válido ressaltar que a constância do fluir do rio interfere diretamente nessas categorias da narrativa, considerando que o rio/discurso, ao percorrer o leito do rio/narrador, modifica-o e modifica-se na interação que se estabelece durante o fluxo, proposição que será posteriormente relacionada ao pré-socrático Heráclito. No conto, isto se estabelece via linguagem, ressaltando as relações simbólicas entre palavra e representação no continuum do narrar. Se centrarmos a análise do aspecto temporal na figura do narrador, poder-se notar que o tempo, ao longo do discurso desse, seria uma síntese do tempo do rio (marcado pelo correr que nunca cessa) com o tempo cronológico, caracterizado pelo envelhecer do narrador e pelos fatos que ocorreram em seu âmbito familiar. Nota-se que a perspectiva cronológica do tempo, nesta perspectiva de análise, tem como referenciais fatos inerentes à vida pessoal do narrador, a revivificação de momentos da infância, não havendo nenhum indicativo de período histórico correspondente no mundo exterior ao alcance daquele que narra. No trecho “Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos” (ROSA, 2001 p. 83), pode-se dizer que além de marcar a passagem temporal, ele evidenciaria uma perspectiva angustiada e contraditória do correr do tempo, pois os fatos aconteceriam à volta do narrador, caracterizando o passar do tempo; porém, ele próprio não conseguiria

perceber em si modificações além das do aspecto físico, caracterizando um movimentar-se que teria como referência não a progressão, mas um ponto que translada em torno do passado. Isso coloca o narrador à margem da cadeia temporal na qual o restante da família, exceto o pai, estaria imersa. Além disso, esse fragmento também mostra o estar à parte, o ser observador do correr da vida, pois o tempo do narrador de “A terceira margem do rio” se codifica pelo descompasso do mundo interno em relação ao externo, pois o primeiro permanece em torno de um ponto do passado, locomovendo-se motivado pelo sentimento de culpa.

O espaço, tendo como referência aquele que conta a “estória”, se caracteriza pela síntese dos espaços do rio com o do narrador, a qual se opera no decorrer da narrativa sob o olhar deste. O lugar do rio se constitui pelo trânsito, impossível de ser captado em um ponto único. Além disso, nesse espaço, há um renovar constante da matéria que corre – a água – e do lugar que a contém – o leito do rio –, ambos configurando uma espécie de simbologia da vida e do homem, respectivamente, os quais estão em permanente movimentação em seu relacionar. O espaço em que se dão os fatos que representam a realidade imediata e tangível é caracterizado como o espaço do narrador, ou seja, a casa e seus arredores, que são os espaços conhecidos por ele, o qual não ampliou seu conhecimento acerca do mundo externo ao da casa: “Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci com as bagagens da vida” (ROSA, 2001 p. 83). Neste trecho a repetição do pronome pessoal de primeira pessoa – “eu” – revelaria, uma espécie de eco da subjetividade do narrador, que de certa forma delimita o seu espaço em função das suas escolhas de vida. Além disso, pela expressão “de resto”, é revelado, na perspectiva do narrador, que este tem sido o único a permanecer fortemente vinculado à figura do pai e, conseqüentemente, a um fato do passado. Isso o impede de partir para uma vivência própria, fato caracterizado pela frase “Eu nunca podia querer me casar”, a qual indica que o narrador não se permitia desejar um viver diferente, mais amplo, além de não ter forças para abandonar um espaço subjetivo – caracterizado pela constante companhia da culpa –, o qual abriga o instante de seu passado em torno do qual a sua vida passou a gravitar. O peso dessa escolha é veiculado pelo substantivo “bagagens”, que simboliza algo

que, por portar pertences pessoais ou objetos que identificam, de certo modo, a pessoa que os possui, seria carregado junto de si num percurso que se faz. As “bagagens da vida” podem se referir àquilo que o narrador granjeou para si com sua escolha de vida, a qual acabou se tornando algo que pesa, que o impede de sair tanto do lugar físico quanto do lugar subjetivo – o lembrar do fato. Em contrapartida, na passagem “Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida” (ROSA, 2001 p. 83), pode-se notar que o restante dos membros da família, de algum modo, deram continuidade ao viver, buscando, num outro ambiente, afastar-se daquele que é relatado sob o prisma da tristeza, da amargura e da dor que a partida do pai provocou no narrador, e segundo este, no resto da família. As personagens, incluindo o narrador, não possuem nomes próprios. Isso atribui maior destaque para a atitude tomada pelo pai desse, em um tempo passado. Todo o referencial criado entre as personagens baseia-se na utilização de determinantes, como “meu”, “minha”, “nossa”, “nosso”, todos pronomes possessivos remetendo à primeira pessoa do discurso, ou seja, aquele que narra. Todo o universo da família é criado em torno do narrador, marcado pela primeira pessoa do singular, reforçando o aspecto de que a versão contada seria parcial em relação aos fatos, pois mesmo que o outro seja incluído na primeira pessoa do plural, é a voz do “eu” que profere o discurso acerca das ações externas, tendo como base as **inferências pessoais**:

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. **Tiro por mim**, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. (...) E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. **Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.** (ROSA, 2001 p. 82-83)

Por isso, as informações tornam-se cada vez mais carregadas da perspectiva do narrador, pois o pensamento do outro é algo de que não se pode ter certeza; porém o narrador toma a si e suas impressões - subordinadas ao sentimento de culpa - como base,

inferindo que todos os seus familiares teriam o mesmo tipo de reação ao fato que ele próprio. Como as ações individuais dos irmãos e da mãe só são relatadas em função do acontecimento central da narrativa, pode-se inferir que essas personagens e seus atos serviriam apenas para aumentar a verossimilhança do narrado, pois outras pessoas vivenciaram o fato além de quem conta a “estória”, mas não se tem acesso às perspectivas pessoais de cada um.

O rio, um dos espaços que se configuram dialeticamente na narrativa, construído pelo olhar do narrador, ao início do conto, assume características animadas, podendo ser visto, também como um ser personificado. Somado a isso, nos trechos seguintes, poderia ser percebido que as personagens do pai, do narrador e a figura do rio apresentariam caracterizações semelhantes:

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio em mais triste do que os outros, conhecidos nossos. **Só quieto.**(ROSA, 2001 p. 79)

(...) **Nosso pai nada não dizia.** Nossa casa, no tempo, era ainda mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo, grande, fundo, **calado que sempre.** Largo de não se poder ver forma da outra beira. (ROSA, 2001 p. 79-80)

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? **Sou o que não foi, o que vai ficar calado.** Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio. (ROSA, 2001 p. 85)

Isso promove, de certo modo, uma aproximação entre esses, reforçando a ligação entre o pai e o filho – “Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai” (ROSA, 2001 p. 83) – que se dará por intermédio do rio, a qual se intensifica durante o envelhecer do narrador e o rememorar do acontecimento.

Do que foi dito até o momento, pode-se inferir que há uma tensão entre o real e o irreal, a qual perpassa, de certa forma, o conto como um todo. O sentimento de culpa do narrador, relacionado à sua perspectiva dos fatos é um fator que influencia, de algum

modo, a movimentação dialética entre essas duas categorias. Numa possibilidade de leitura, ao considerarmos o trecho,

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio – pondo perpétuo. (...) Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse – se as coisas fossem outras. (ROSA, 2001 p. 84)

essa culpa pode, também, estar associada à impotência do narrador perante o fato e à ligação de reciprocidade questionável que se estabelece entre o menino e o pai, por meio do fascínio daquele pelo acontecimento e pela ausência da figura paterna na família, a qual se fez sentir de modo mais intenso no narrador.

No trechos seguintes,

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, maçou o beíço e bramou: - “*Cê vai, ocê fique, você nunca volte!*” Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: - “*Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?*” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiquei que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa. (ROSA, 2001 p. 80)

(...) Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a idéia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobreviver: só assim, ele no ao-longo, sentado no fundo da canoa, suspensa no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, depusitei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora. (ROSA, 2001 p. 81)

pode-se notar que o fascínio que a figura do rio exerce no narrador menino, somado ao caráter enigmático da figura do pai e à decisão incomum que este toma ao entrar na canoa e vagar por um espaço também misterioso, perdura também no homem envelhecido que conta a “estória”, marcando-o por toda a vida. Por isso, o rio, ao assumir um caráter simbólico, faz uma espécie de ligação entre essas duas gerações, estabelecendo laços de

continuidade e descendência. O rio, ao assumir uma função simbólica na narrativa, também parece, como já foi dito, estar associado à vida, palco das relações que se estabelecem entre os indivíduos e entre estes e a própria vida.

De acordo com a possibilidade de leitura apresentada, as tensões entre o real e o irreal, crescem proporcionalmente à intensificação do sentimento de culpa do narrador: “De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai sempre fazendo ausência: e o rio-rio, o rio – pondo perpétuo.” (ROSA, 2001 p. 84). E, por essa razão, nota-se também que o espaço e tempo do rio vão se tornando cada vez mais imponentes na visão de quem conta a “estória”, o que representa uma separação tênue entre o devaneio e a realidade imediata e tangível, nos quais o narrador está imerso.

Outro aspecto relevante caracteriza-se pelo fato de que o narrador em primeira pessoa não tem, por participar do relato, o afastamento necessário para apresentar uma seqüência de acontecimentos menos impregnada de um ponto de vista e impressões pessoais. Ainda, no trecho “Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. **A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia**” (ROSA, 2001 p. 80), principalmente, nas frases negritadas, pode ser notada uma mescla entre realidade e fantasia ao ser caracterizada a ação executada pelo pai narrador.

Na passagem seguinte,

(...) Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra *doido* não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei o que meurgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: - “Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...” E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso mais certo.

Ele me escutou. Ficou de pé. Manejou remo n’água, proava para cá, concordado, eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto – o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão. (ROSA, 2001 p. 84-85)

pode-se dizer que a tensão que existe entre as categorias do real e do irreal, processada dialeticamente no relato do narrador, dada a sua intensidade neste ponto da narrativa, torna difícil discernir o que é realmente lembrança de um fato e o que é fruto de alterações advindas das fantasias do narrador. Muitas destas são geradas pela culpa que ele carrega, a qual se explicita no decorrer da narrativa, podendo, até mesmo ser apresentada como algo acima da compreensão do narrador. A culpa é algo que cresce constantemente, podendo ser associada com o próprio correr incessante do rio, pois à medida que este carrega consigo a figura do pai, também carrega, de certo modo, a figura do filho, pois a vida deste tomou seu curso em função do acontecimento central da narrativa; porém, os dois estão apartados pela distância espacial, pois fisicamente o filho continua na casa da família, só sua pulsão pela vida entrou no rio. Pode-se dizer assim que o pai, quando vivo, escolheu entrar na canoa; no entanto, o filho decide embarcar e transitar sem destino pelo rio e pelo discurso que constrói ao longo do texto ao morrer para o mundo que há além do fato narrado.

Também é válido ressaltar que haverá uma considerável distância temporal entre o ocorrido e a narração do fato; por isso, o narrador pode agregar àquilo que conta novos elementos, focando determinados aspectos que estão em consonância com a sua visão do acontecimento. Além disso, elementos fantasiosos podem ser acrescentados durante o lembrar para preencher lacunas e, talvez, para tornar o relato mais interessante para quem narra e para quem ouve, visto que os relatos da tradição oral partem de elementos reais ou inventados, sendo transformado pelo contador de “causos” à medida que transcorre a narrativa para que o contado surpreenda o ouvinte, talvez pela perda de limites nítidos entre o real e o irreal. No conto analisado, a fantasia também pode ser usada como uma espécie de lenitivo para a amargura/culpa do narrador, um enganar a si mesmo que pode ser consciente de início, mas que depois passa a transitar nas esferas do considerado real, fazendo com este uma espécie de síntese. Por isso, pode-se dizer que o narrador escolheu um aspecto do ocorrido, que é o mais nítido em sua memória, e articulou o narrar, buscando, de certo modo, neutralizar as outras perspectivas do objeto da narrativa. Devido a esses motivos, poder-se-ia dizer que se usaria o fantástico para legitimar o real,



validando, também, o contrário disso, uma vez que há um intenso trânsito de perspectivas no ato de lembrar um fato passado, pois “(..) um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1996 p. 37). Além disso, o narrador, ao fundir o abandono do pai com elementos que evocam o sobrenatural, o faz como recurso para explicar sua postura diante da vida, pois passa a viver paralelamente a vida errante do pai, pelo menos no que diz respeito ao seu pensamento e às suas ambições de vida. Nesse entrar simbólico na canoa, o narrador estagna sua vida no momento em presenciou o pai entrar na embarcação, apropriando-se da figura paterna, pois ao mudar o tratamento de “**nosso pai**” para “**meu pai**” – como em “(...) **Nosso pai** carecia de mim, eu sei – na vagação, no rio no ermo – sem dar razão de seu feito” (ROSA, 2001 p. 84) e em “Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o **meu pai** sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio – pondo perpétuo” (ROSA, 2001 p. 84) – o determinante passaria da primeira pessoa do plural, a qual engloba os irmãos e o narrador, para a primeira pessoa do singular, na qual a relação entre os irmãos e o pai é excluída, ganhando relevo e importância a figura do narrador nos laços de afeto paternos, pois sob o ponto de vista deste, ele é o único que tem, ainda, alguma lembrança do pai, pois os demais membros da família deram continuidade às suas vidas.

O indivíduo que narra, além de contar um fato que transita entre o real e o irreal, também seria ele próprio palco de tensões semelhantes ao relatar um fato vivido no passado, pois

Quando o passado se reflete no instante, úmido de orvalho, o choque doloroso de rejuvenescimento o condensa (...) irresistivelmente. (...) O que chamamos rejuvenescimento é justamente essa concentração na qual se consome com a velocidade de relâmpago o que de outra forma murcharia e se extinguiria gradualmente. (BENJAMIN, 1996 p. 45)

e, ao se considerar o aforismo de Protágoras “O homem é a medida de todas as coisas”, poder-se-ia inferir que o homem, por estar em constante trânsito, constitui-se como o parâmetro do mundo que constrói para si – por meio de flashes da memória estruturados

simbolicamente em linguagem neste caso –; e, no momento em que busca comunicá-lo ao outro, este o receberá tendo a si próprio como parâmetro de entendimento. Isso se dá na relação entre o narrador e o fato que conta e entre o fato veiculado pelo narrador e o leitor, na percepção das possibilidades de compreensão do que seria real e irreal em “A terceira margem do rio”.

Também seria relevante mencionar que, este conto, por ser constituído de um relato da vida do narrador, tem em si uma considerável subjetividade, pois a memória “cumprir a função operatória de espaçamento no tempo, por meio da marcação de intervalos, pausas ou suspensões que interrompem a linearidade cronológica e a identidade do sujeito consigo mesmo, inserindo-o num registro temporal diferenciado” (MIRANDA, 1995 p. 102). Além disso,

O lastro da história pessoal não é a relação entre evento e seu registro no decorrer do tempo homogêneo e vazio, mas a capacidade de estabelecer correspondências inesperadas entre o passado e o presente, ou entre o novo e o velho (...) fazendo com que tudo resulte como se fosse visto o tempo todo pela primeira vez. (MIRANDA, 1995 p. 104)

Por isso, fica a cargo do sujeito reorganizar o rememorado, de acordo com suas percepções individuais e com as suas intenções ao comunicar o fato a outrem. O narrador de “A terceira margem do rio”, ao contar um fato de sua vida que se passou durante a sua infância, tem tempo para re-elaborar o que foi vivido por meio de sua subjetividade, pois o menino que presenciou o acontecimento já envelheceu e, de certa forma, traria consigo um desejo de, no presente, se redimir de uma culpa que o liga à figura do pai e, conseqüentemente, ao rio. Isso evidenciaria que, sob o ciclo de vida e de morte que interliga as gerações, há não só o aspecto material da descendência, mas também o aspecto subjetivo, no que diz respeito às inquietações perante a vida.

Nesse re-arranjar de fatos do passado, cuja “verdadeira imagem perpassa veloz” e que “só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (BENJAMIN, 1996 p. 224), possivelmente há um transitar entre as categorias do real e do irreal, pois ao ser trazido para o presente, desvinculado de seu tempo, um fato apresenta lacunas a serem preenchidas por quem relembra, pois o próprio

acontecimento já seria um fragmento do todo. No conto, o trecho “Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se **despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos**” (ROSA, 2001 p. 82-83), torna-se perceptível o caráter contraditório do lembrar, pois mesmo quando o ato de esquecer é algo intencional, visando amenizar a dor e a ausência, o fato volta à lembrança involuntariamente, pois em “se despertar”, a partícula “se” caracteriza uma ação que recairia sobre o próprio sujeito que a executa; além disso, o caráter repentino e surpreendente veiculado pela palavra “sobressaltos”, marca o andamento da própria memória.

Ao se considerar a perspectiva de leitura adotada, poder-se-ia inferir que o conto como um todo é perpassado de construções que revelam contradições em si, demonstrando o transitar permanente entre o real e o irreal – “Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto” (ROSA, 2001 p. 84-85) –, durante a rememoração do narrador, ação na qual seriam presentificados fatos que despertam angústias e inquietações que marcam o momento em que a “estória” é contada – “Sou o que não foi, o que vai ficar calado” (ROSA, 2001 p. 83). Outro ponto importante é a presença de um estranhamento na construção do título do conto, “A terceira margem do rio”. Neste, além da utilização de um numeral ordinal – “terceira” – em lugar de um cardinal – “uma margem”, “duas margens” – haveria a evocação de um lugar que escapa à lógica do real, pois não existe um rio que possua uma margem além das duas que se opõem. Por isso pode-se conjecturar que essa terceira margem está num plano que escapa ao controle do ser humano, pois está envolvida com elementos ou forças da esfera do sobrenatural, do simbólico.

Do que foi dito, em conformidade com essa possibilidade de leitura, poder-se-ia inferir que durante a vida, o momento presente – “primeira margem” – é o único do qual se tem algum conhecimento, o qual, seguramente, não é total, pois abrange o viver de um único indivíduo. Dessa perspectiva pessoal, pode-se inferir aquilo que seria um futuro preferível – “segunda margem” –, aquilo que se almeja e que, por isso, torna-se quase pré-visível para este ser humano. Contudo, o fluxo da vida, assim como um rio, ao ser atravessado, leva esse alguém a um outro lugar, nem melhor, nem pior, apenas diferente

daquilo que se esperava – “terceira margem”. Com isso, é revelada a força do devir, maior que o ser humano, que se evidencia no trânsito do tencionado e do futuro. A partir disso, cria-se um ciclo baseado na constante variação de possibilidades futuras, as quais estão em um fluir constante, como em um fluxo de vida. O que foi dito, ao ser relacionado ao aforismo de Heráclito “Não podemos entrar no mesmo rio duas vezes”, reforça o caráter transitório do estar no mundo: nem o homem, nem o mundo permanecem estagnados, pois a mudança de um implicaria na mudança do outro, uma vez que o homem constrói o mundo discursivamente pela palavra em sua vida cotidiana ao representar a si e ao outro, bem como os espaços no qual está imerso; além disso, a realidade que se transforma constantemente exige do ser humano uma alteração permanente das representações que este constrói. Por isso, aquilo que é caracterizado como futuro real teria a marca do inesperado, pois o homem não pode prever aquilo que o devir irá exigir-lhe na construção da teia de representações, por meio da qual se insere num mundo fragmentado, perpassado por contradições, nas quais se mesclam inclusive as categorias do real e do irreal, como no conto, porém, em proporções diversas.

A nebulosidade na qual se insere a cadeia temporal, associada ao estar no mundo, também pode ser comparada ao rio, como simbologia, conotando também as relações que o homem estabelece entre mundo e linguagem nos processos cotidianos de representação do vivido. Assim, é possível considerar o rio como categoria do simbólico, como foi apresentado, uma vez que o homem tem noção de nascimento e morte, mas não é determinado quando se começa a ter uma noção de mundo e de inserção dentro dele, bem como o fim desse processo gradual. Quando se olha um rio desconhecido, sabe-se que ele tem sua nascente em determinado lugar e que irá desaguar em outro local físico, mas não se pode determinar ao certo ou se ter uma noção exata de onde se situam esses pontos. O mesmo pode acontecer quando se contempla a vida, pois se pode dizer que esta é composta pela tensão que há entre a existência do homem como matéria e a existência do homem como ser reflexivo, que interage com o mundo que o cerca por meio de suas percepções do vivido, muitas vezes expressa por meio de palavras. No conto, uma possível síntese desses viveres tem sua representação na simbologia do rio, lugar do trânsito, no qual uma

tentativa, como a do narrador, de fixar um ponto do passado, por meio de um relato fundamentado na rememoração e construído pela palavra, pode levar o indivíduo a se perder no correr constante e se deixar levar. Disso, pode-se inferir que esse mesmo fluir revelaria a vida e que, por isso, é exigido do homem que se construa na tensão entre as categorias de sujeito e objeto perante o mundo, sendo essa elaborada, mormente, pela linguagem.

Se for observado o trecho “(...) o rio por aí se estendendo, **grande, fundo, calado que sempre. Largo de não se poder ver forma da outra beira**” (ROSA, 2001 p. 79-80), nota-se que a perspectiva do narrador menino acerca do rio e de sua imponência permaneceria no adulto, pois quando se é criança comumente se enxerga o mundo maior do que é, o que pode ocorrer devido ao conhecimento em construção desse espaço e à capacidade de compreensão do mundo em desenvolvimento, uma vez que a criança tem, até certo momento de sua vida, ela própria como principal referencial de mundo. Se o narrador menino não consegue ver a outra margem do rio, o adulto também não pode fazê-lo, pois num plano simbólico, não há uma perspectiva de futuro preferível, restando apenas o deixar-se levar. Além disso, o ciclo de vida e de morte no qual o ser humano está imerso, traz para o narrador, nos aspectos de descendência inerentes a este trânsito sem fim definido, um sentimento de culpa, de acordo com o trecho abaixo: “Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. ... Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte: **e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio.** (ROSA, 2001 p. 85). O narrador quando menino teria entrado simbolicamente na canoa com o pai e abdicado de uma vida além da existência pelo rememorar, ou por ter fugido do instante em que assumiria de fato o lugar do pai na canoa, ou por medo do que lhe foi revelado, pois até esse momento não havia cogitado a possibilidade de que o pai já pudesse ter morrido. E, por ter fugido do momento no qual terminaria a parte desse ciclo, a qual corresponderia à vida, isola-se definitivamente do mundo, como lugar de inserção do homem. E, para tentar redimir a culpa, oriunda de seu “falimento”, o narrador pretende se juntar ao pai no rio no momento de sua morte, retornando ao ciclo, e, conseqüentemente, assumindo os vínculos estabelecidos pelos laços de descendência. Isso pode ser revelado no conto ao atentar-se

para as qualificações presentes em “nos rasos do mundo” e em “o rio por aí se estendendo grande, fundo (...). Largo de não se poder ver forma da outra beira”, que de certo modo se contrastam, tornando possível inferir que o rio se constitui como uma realidade maior que o próprio mundo, dado o teor simbólico daquele espaço dentro da lógica interna da narrativa, além de representar o discurso do narrador, para este uma realidade maior que o fato que o originou e que é constantemente renovada pela rememoração. Na passagem “e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio”, a imponência desse espaço acima do real se caracteriza pela ausência de verbo indicando o movimento do “eu”, o qual nos é indicado pelo advérbio de lugar “abaixo” e pelas locuções adverbiais de lugar “a fora” e “a dentro”, pois já é suficiente a indicação de movimento inerente à palavra “rio”, devido às significações que esta assume no conto. Esses advérbios, ao serem relacionados ao expresso pelo advérbio “abaixo”, demonstram que o rio é, na visão do narrador, algo que, com sua amplitude associada ao correr constante de suas águas – “rio abaixo, rio a fora, rio a dentro” – é muito mais significativo para ele no plano simbólico do que em seu aspecto de espaço físico. E por isso, ao morrer, alcançando as esferas do sobrenatural se funde com a figura simbólica do rio – “eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio”. Devido ao fluir constante do rio e ao valor simbólico que este assume na lógica interna ao conto, recursos que expressam continuidade ou movimento podem ser percebidos ao longo da narrativa, ressaltando, também o fluir do próprio discurso. Por isso, o re-arranjar da língua padrão culta, a utilização de certos recursos estilísticos e a inserção de traços da oralidade podem demonstrar que a linguagem não captaria mais a totalidade das coisas. Seria possível inferir que, por isso, os vocábulos revelam pontos do trânsito que se configura nas tensões dialéticas que perpassam o indivíduo imerso no mundo, destacando-se a que se dá entre a vida e a linguagem. A partir disso, pode-se inferir que o homem representa o mundo e a si por meio da palavra, criando pela linguagem uma dada perspectiva de real; porém, esta é apenas uma dentro de um todo diverso e múltiplo. Com isso, o indivíduo legitima para si e para os demais uma visão da realidade, fundamentada em suas perspectivas e necessidades pessoais, que se confrontaria com as noções outras de real no convívio diário com o outro. Por isso, poder-se-ia dizer que o narrador de “A terceira margem do rio” criou para si

uma realidade, sobrepondo-a às demais versões do fato narrado, sempre ignorando-as, para tornar a sua perspectiva o mais sólida possível. Além disso, o narrador transmite o ocorrido ao outro como se fosse uma “estória”, ou seja, sob a roupagem de uma narrativa popular, transmitida pela oralidade, entremeada de elementos fantásticos e sobrenaturais. Dessa forma, ao mesclar real e irreal, pode-se inferir que o narrador evita uma argumentação contrária da parte de quem lê, uma vez que, devido ao tempo decorrido, aos sentimentos de culpa e tristeza, nem mesmo o próprio narrador sabe separar o que é real do que é irreal, pois o que restou dessas categorias foi o trânsito, inerente ao fluxo do discurso, bem como a tensão que daí se deriva. Esse fato pode deixar o leitor numa espécie de suspensão, proveniente de uma elaboração meticulosa da linguagem, que mescla elementos de oralidade e de erudição.

Dos processos de construção do texto utilizados pelo autor, pode-se deduzir que a palavra torna-se uma espécie de estrutura lacunar, a qual é preenchida pelo leitor, visando sustentar certa perspectiva de interpretação. Daí é possível dizer que a linguagem que se articula nas narrativas, na medida em que busca agregar em si grande gama de significações, gera uma fragmentação do significado global em várias camadas de leitura encerradas na obra literária. Por isso, o leitor, com suas vivências e perspectivas de mundo, determina qual viés interpretativo do texto deve ser privilegiado em sua leitura. Disso pode-se entender que a fragmentação do texto teria início nas inovações lingüísticas que se dão no âmbito da palavra e nas construções sintáticas, as quais dão suporte à complexa rede de simbologias sobre a qual o tecido narrativo é urdido pelo autor. Ainda, na trama do texto, é possível perceber que também são privilegiados alguns elementos da cultura popular, configurando uma outra camada de significações, construída com base nas crenças e no imaginário, os quais se revelariam na tentativa de aceitação e explicação do mundo sob o aparente aspecto de simplicidade de uma “estória”, como as que circulam nas vilas e cidades do interior, mas que agregam em si reflexões acerca do viver.

De acordo com essa possibilidade de leitura, pode-se compreender que a linguagem – articulada num espaço transitório que teria num extremo a erudição e no outro o popular – promove uma construção discursiva que se transforma numa maneira outra de perceber e

articular o mundo que se apresenta fora do indivíduo. Como a palavra já começa a revelar traços de sua opacidade, esse mundo também é composto de fraturas que o ser humano preenche ao longo de sua existência com representações do real, configurando para si determinada realidade. Nesse percurso, a palavra também se mostra insuficiente ao tentar representar, até mesmo, esse mundo fragmentado, pois quem escuta o narrar da estória dificilmente terá a mesma recepção de quem a contou.

Finalizando, pode-se fazer um intertexto do que foi mencionado com a seguinte frase dita por Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa: “Viver é muito perigoso”, pois o homem, ao se locomover no trânsito que caracterizaria a vida, precisa se alternar nas categorias de sujeito e objeto do viver, sem se deixar levar por este em seu fluir constante. Para isso, legitimar para si uma dada parcela do real é necessário, desde que seja construída prevendo a sua instabilidade e adaptações constantes, devido às freqüentes modificações que sofre o mundo que abriga o indivíduo de um modo geral. E, mesmo nesse construir consciente e interativo da realidade, haveria o trânsito entre o real e o irreal, pois o homem também possui a sua parcela de transcendência da realidade, visto que não se compõe só de aspectos materiais, pois o que “Existe é homem humano. Travessia” (ROSA, 2006:608), ou seja, um ser que, diariamente, constrói o mundo e a si próprio pela palavra.

**ABSTRACT:** This paper intends to analyze the Guimarães Rosas’s “A Terceira Margem do Rio”. Its focus will be the transit between real and unreal which occurs along the narrator’s speech. Also, this texts aims to mention how the conception of time, place and characters are influenced by the propositions raised here. In addition to this, there is a purpose of relating the speech which composes the narrative with the flowing of the river, prioritizing the essential symbolic aspect of language.

Key words: “A Terceira Margem do Rio”; Narrator; Real; Unreal; Symbolic.

Bibliografia:



- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In.: \_\_\_\_\_. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In.: \_\_\_\_\_. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996
- COVIZZI, Lenira M. O insólito em Guimarães Rosa e Borges. São Paulo: Ed. Ática, 1978.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- GALVÃO, Walnice N. Mitológica Rosiana. São Paulo: Ed. Ática, 1978.
- HALL, Stuart. Nascimento e morte do sujeito moderno. In.: \_\_\_\_\_. A identidade cultural na pós-modernidade. trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2002.
- MIRANDA, Wander M. A poesia do reesvaziado. Cadernos da Escola do Legislativo. Belo Horizonte, n. 4, p. 95-113, 1995
- RÓNAI, Paulo. Os vastos espaços. In.: ROSA, João Guimarães. Primeiras Estórias. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira: 2001.
- ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira: 2006.
- ROSA, João Guimarães. Primeiras Estórias. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira: 2001.